



Golpe. Vitor Hugo queria ampliar poder de Bolsonaro



Exército. Edson Pujol deixou o comando esta semana



Marinha. Ilques Barbosa saiu do cargo nas Forças Armadas



Aeronáutica. Antônio Carlos Moretti Bermudez

BRASÍLIA

Da redação
@jornalovale

O Brasil vive hoje, principalmente após a última semana, sua maior crise militar desde 1977, ainda durante a ditadura. O presidente da República, Jair Bolsonaro (sem partido) vinha cobrando dos militares uma postura contra o isolamento social durante a pandemia da Covid-19.

O presidente também queria que os comandantes das Forças Armadas e o ministro da Defesa, Fernando Azevedo e Silva, fizessem críticas mais contundentes ao STF (Supremo Tribunal Federal) e ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Como isso não vinha acontecendo, resolveu mudar. Nos bastidores, a decisão de demitir Azevedo teria sido tomada em apenas três minutos.

Uma decisão que atingiu em cheio a mais alta cúpula dos militares, que reagiram mal. Tanto é que os comandantes do Exército, Marinha e Aeronáutica renunciaram de uma só vez, mostrando desaprovação às atitudes do presidente.

Edson Pujol (Exército), Ilques Barbosa (Marinha) e Antônio Carlos Moretti Bermudez (Aeronáutica) anunciaram a saída de forma conjunta, uma ação inédita desde o início da redemocratização do Brasil, em 1985.

GEISEL.

A última crise grave havia acontecido ainda no governo de Ernesto Geisel, quando demitiu o então ministro do Exército, Sylvio Frota, linha-dura, que era contra a reabertura política programada pelo presidente na época.

Criado no governo do ex-presidente Fernando Henrique



Planalto. Bolsonaro ao lado de Braga Netto (à esq.), novo ministro da Defesa, e dos novos comandantes

Cardoso (PSDB), em 1999, o Ministério da Defesa era comandado por civis até 2016, quando o presidente Michel Temer (MDB) nomeou o primeiro militar para o cargo.

E, agora, no governo de Bol-

sonaro, vários militares passaram a ocupar cargos importantes, inclusive na Saúde, onde Eduardo Pazuello foi ministro da pasta por quase oito meses, em plena crise da pandemia da Covid-19. ■

1977

FOI O ANO em que o então presidente Ernesto Geisel demitiu o ministro Sylvio Frota, abrindo crise

3

COMANDANTES das Forças Armadas pediram demissão conjunta durante esta última semana, após crise no governo

GOLPE

Deputado do PSL criou PL para ampliar poderes de Bolsonaro, mas foi derrotado

AÇÃO. Terminou frustrada a tentativa de deputados de votar a toque de caixa um projeto que ampliaria os poderes do presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia, com possibilidade de intervenção em

produção de bens e convocação de civis, como ocorre nas guerras. Autor do projeto, o deputado Major Vitor Hugo garantiu, porém, que o PL que permitiria ampliar poderes do presidente não faz parte de "um golpe". ■

SAIBA MAIS

SAÍDA
Após demissão do ministro Fernando Azevedo, comandantes das Forças Armadas anunciaram saída dos cargos.

CRÍTICA
Os comandantes de Marinha, Exército e Aeronáutica não aceitaram a conduta do presidente da República.

COBRANÇA
Bolsonaro queria que o ministro e os militares tivessem atuação contrária ao isolamento social na pandemia.

CRISE HISTÓRICA
A última vez que houve crise parecida foi em 1977, com a demissão do ministro Sylvio Frota.

MAIS PODERES
Líder do governo, o deputado Major Vitor Hugo tentou emplacar um projeto que amplia os poderes do presidente.

SAÍDA

“O Ministério da Defesa informa que os Comandantes serão substituídos.

Nota oficial
Ministério da Defesa